# PRODUTORES FLORESTAIS



N.º 1 Julho / Agosto 2020 www.produtoresflorestais.pt



# **ÍNDICE**

A produtividade florestal começa na instalação

págs. 2 a 4

6 passos para uma plantação de eucalipto bem-sucedida

pág. 5

Área Florestal Agrupada da Panasqueira

págs. 6 a 9

Pedro Pinho, empreiteiro florestal **págs. 10 e 11** 

A certificação na 2BForest **págs. 12 e 13** 

Consultório Técnico -Como localizar e identificar os limites da propriedade florestal

págs. 14 e 15

Entrevista a Francisco Gomes da Silva

págs. 16 a 18

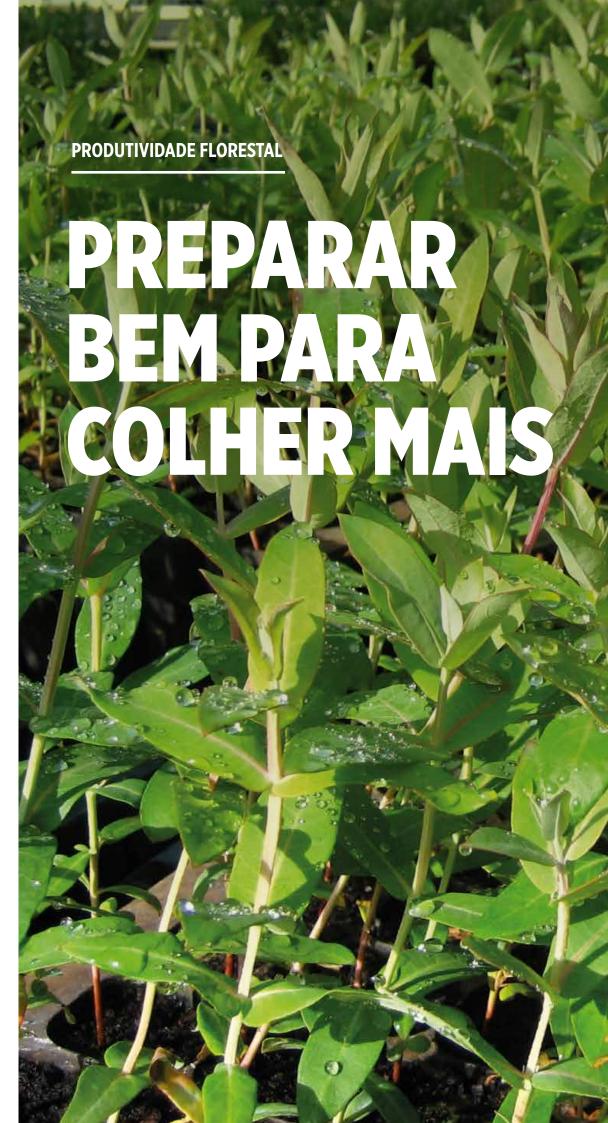
A floresta ocupa 36% do nosso território **pág. 19** 

Notícias págs. 20 e 21

3 perguntas a Júlio Norte

+ Agenda **pág. 22** 

Opinião - Daniel Bessa **pág. 23** 



# A instalação mal feita de um povoamento florestal pode hipotecar o investimento a longo prazo. No caso do eucaliptal, a boa preparação do terreno e plantação são determinantes para um ciclo de produtividade bem sucedido durante 30/40 anos.

uem torto nasce, tarde ou nunca se endireita. O provérbio popular bem se pode aplicar na exploração florestal, pois é o que se faz na instalação de um povoamento que determina o seu sucesso. Os sinais da nossa floresta são muito claros: povoamentos muito antigos, pouco investimento e uma quase ausência de gestão, o que explica a sua falta de produtividade e, ao mesmo tempo, um maior risco de incêndios nestes tempos de transformação climática. Vista como um património muito importante do ponto de vista ambiental e social, é no entanto, o interesse económico da floresta que, em muitas ocasiões, permite a conservação e a sustentabilidade desse património.

Ganhar a aposta na floresta passa pelo aumento da sua produtividade, com a adoção de boas práticas de gestão que salvaguardem a sustentabilidade deste recurso natural. Foi com este objetivo que surgiu o projeto Melhor Eucalipto, iniciativa que divulga o conhecimento técnico de uma indústria que lida com esta espécie florestal desde meados do século XX e quer contribuir para a melhoria da gestão operacional das plantações de eucalipto.

"Dois terços do eucaliptal não têm qualquer tipo de gestão. Os proprietários colhem a madeira de 12 em 12 anos e no entretanto não praticam uma silvicultura adequada. E só bastava algum investimento para obter mais retorno, menos custos por metro cúbico de madeira produzida e mais madeira, com a vantagem que este ainda representa na prevenção e defesa contra os incêndios", afirma à Produtores Florestais Francisco Goes, coordenador do projeto Melhor Eucalipto.

 O investimento feito em plantas melhoradas tem reflexo na qualidade da plantação e resulta em ganhos de produtividade



# "MELHOR EUCALIPTO" FACILITA CONHECIMENTO

Transformar conhecimento muito técnico e científico numa linguagem mais simples para proprietários florestais foi o que esteve por base do projeto Melhor Eucalipto, cujo pontapé de saída foi dado em 2015. Promovida pela CELPA, a Associação da Indústria Papeleira, esta iniciativa percorre o país com ações de informação sobre as boas práticas silvícolas, tendo já reunido cerca de 1 200 proprietários e duas centenas de técnicos e estudantes universitários.

A parte central do projeto é o site www.celpa.pt/melhoreucalipto, no qual estão disponíveis dois simuladores, desenvolvidos em parceria com o Instituto Superior de Agronomia e a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e que qualquer pessoa pode consultar: um para avaliação da produtividade, com uma base geográfica, onde se pode escolher a freguesia onde instalar a plantação e perceber o crescimento esperado; e outro para simulação financeira, que apresenta uma estimativa de rendimento, depois de introduzidos custos, preço expectável da madeira, produtividade esperada, etc.

#### PRODUTIVIDADE FLORESTAL

# Os primeiros anos são decisivos

Tudo começa nos cuidados a ter em conta na preparação do terreno, na instalação das plantas e na manutenção do povoamento nos primeiros anos. Com uma plantação bem feita há maiores probabilidades de sucesso produtivo e financeiro a 30-40 anos, uma vez que o eucalipto tem ciclos de 12 anos e as suas raízes permanecem viáveis para três rotações (cortes). "O maior investimento acontece nos primeiros 4-5 anos de cada rotação. Se as coisas forem bem feitas nesse período, o proprietário florestal terá, muito provavelmente, maior rentabilidade do investimento efetuado, caso não ocorra nenhuma catástrofe. Depois basta um acompanhamento de manutenção e, claro, manter o foco na prevenção, como a limpeza dos matos que potenciam o risco de incêndios", acrescenta Francisco Goes.

As ações do programa Melhor Eucalipto já superaram a participação de mais de mil proprietários e técnicos florestais O eucaliptal pode ser rentável e importante para a economia rural, mas precisa de ter regras e boas práticas associadas, que contribuem também para a sustentabilidade da floresta. A gestão na produção florestal precisa de ter em atenção as pessoas, seja quem trabalha na floresta ou as comunidades que a rodeiam, mas também os aspetos ambientais, como a biodiversidade nos espaços florestais, a disponibilidade de água e a qualidade do solo. **PF** 

"O maior investimento acontece nos primeiros 4-5 anos de cada rotação. Se as coisas forem bem feitas, o proprietário terá maior rentabilidade do investimento efetuado", afirma Francisco Goes.



•

# 6 PASSOS PARA UMA PLANTAÇÃO DE EUCALIPTO BEM-SUCEDIDA



# 1. Boa preparação do terreno

A preparação do terreno é fundamental para o desenvolvimento das raízes e o

crescimento das árvores. O objetivo nesta fase inicial é melhorar o arejamento do solo, a infiltração e retenção de água e a disponibilidade de nutrientes. É essencial não inverter os horizontes do solo, para se manter a matéria orgânica e os nutrientes na zona de desenvolvimento das raízes, e devem privilegiar-se as faixas de plantação seguindo as curvas de nível, evitando a mobilização total da área.



# 2. Utilização de plantas melhoradas

O investimento feito em plantas melhoradas tem reflexo na qualidade da plantação.

A sua utilização origina ganhos em produtividade, pois são plantas com uma baixa taxa de mortalidade, mais adaptadas a diferentes condições de solo e clima, e resistem melhor a pragas e doenças. Estas plantas, que podem ser adquiridas em viveiros certificados, nomeadamente nos Viveiros Aliança, permitem obter maior volume em madeira (mais 20% relativamente à planta não melhorada) e dão origem a povoamentos mais uniformes (árvores de igual porte).



# 3. Distribuição ideal das árvores por área

O adequado espaçamento entre as árvores é aquele que não leva a um

excesso de competição entre elas, especialmente por água e luz, e que ao mesmo tempo permite o crescimento de exemplares vigorosos, com troncos de maior diâmetro, os quais permitem mais madeira aproveitável para a indústria. Acresce que numa plantação com árvores muito juntas, as máquinas (para adubar, fazer limpezas de material combustível, cortes) não têm espaço de manobra, o que encarece os custos de exploração. Assim, para otimizar a produção florestal,devem plantar-se até 1400 árvores/hectare em zonas de maior precipitação e 1000 árvores/hectare em zonas mais secas.





# 4. Controlo eficaz da vegetação

Após a plantação é importante que seja efetuada a sacha (limpeza com enxada,

num raio de 30 cm à volta da planta) da vegetação espontânea, para que esta não compita pelos recursos essenciais para o desenvolvimento das jovens plantas. A sacha deve ser feita na primavera seguinte à plantação e complementada à posteriori por meios mecânicos, quando o mato já está muito desenvolvido. A vegetação cortada pode ser incorporada no terreno, contribuindo para o enriquecimento da matéria orgânica do solo. O controlo da vegetação por meios químicos também é possível, mas este só deve ser feito por técnicos e empresas habilitadas para a aplicação de herbicidas.



# 5. Fertilização adequada

Uma adequada adubação na fase de instalação contribui para um bom arranque

do povoamento, diminuindo a mortalidade nas plantas. A fertilização de manutenção, entre os 2 e os 6 anos do povoamento, é fundamental para o sucesso da plantação que irá ser colhida ao fim de 12 anos. Atualmente decorre o programa Limpa & Aduba, ao qual os proprietários se podem candidatar (até um limite de 25 hectares), através das suas associações florestais. O programa, promovido pela CELPA (Associação da Indústria Papeleira), oferece o adubo de manutenção e ajuda nos custos de aplicação aos produtores que fazem a limpeza dos seus terrenos.



### 6. Certificação florestal

A certificação florestal, atribuída pelo FSC® ou pelo PEFC™, reconhece o produtor

florestal pelo seu empenho na aplicação de boas práticas florestais nos seus terrenos, contribui para um povoamento sustentável e permite aumentar a quantidade de madeira produzida. Traz igualmente vantagens para o ambiente, pois os riscos, como os incêndios e as pragas, são menores numa floresta com gestão.



# A propriedade rural nacional é caracterizada por pequenas parcelas que complicam a boa gestão florestal, mas um grupo de produtores de Castanheira do Vouga quer contrariar a história, apostando na cultura ordenada do eucalipto.

edro Ferreira não esconde o orgulho quando visita o seu terreno florestal em Castanheira do Vouga, uma pequena freguesia nos arrabaldes do concelho de Águeda, em plena região do Baixo Vouga. O produtor florestal é um dos 12 proprietários que constituíram a primeira Área Florestal Agrupada (AFA) do Baixo Vouga, a AFA da Panasqueira – um modelo de gestão integrada de um conjunto de 15 parcelas (num total de 11 hectares), onde as pessoas esqueceram as estremas e os marcos dos seus terrenos para se juntarem num plano coletivo de exploração florestal que garante maior rentabilidade.

"O aumento da dimensão das áreas a explorar facilita a adoção de boas práticas de silvicultura. Aqui fazemos uma plantação de eucalipto pensada, estudada, respeitando linhas de água e todos os outros elementos que têm de ser respeitados", explica à Produtores Florestais Pedro Ferreira, um dos impulsionadores deste projeto que, com o apoio da Associação Florestal do Baixo Vouga (AFBV), pretende ser uma solução para a floresta de minifúndio que caracteriza a propriedade rural no Centro e Norte de Portugal.

Este modelo de gestão da floresta em conjunto permite ganhos substanciais: um aumento superior a 60% da produtividade do terreno e uma poupança de cerca de 20% nos custos dos trabalhos florestais.

"Isto é como uma gestão de condomínio. Fazemos uma reunião anual e adjudicamos trabalhos no terreno, que podem ser executados por alguns dos aderentes da AFA, que são remunerados por isso", adianta o produtor florestal, convicto que "esta é a melhor forma de podermos aspirar a tirar alguma rentabilidade da floresta". "Investimos durante 10/11 anos na floresta para colher algum rendimento, mas é preciso que ela lá chegue sem arder." Este produtor sabe bem do que fala, pois foi precisamente o fogo que quase o fez desistir da floresta. »

# **BILHETE DE IDENTIDADE**

## PRODUÇÃO FLORESTAL:

AFA da Panasqueira, em Castanheira do Vouga (Águeda)

**PROPRIETÁRIOS:** 12

ÁREA: 15 parcelas num total de 11 hectares

#### **MODELO DE GESTÃO:**

Área Florestal Agrupada, com um plano de gestão florestal e um plano de investimento comuns. A Associação Florestal do Baixo Vouga (AFBV) apoia os proprietários, através de assessoria técnica e jurídica, incluindo acesso a comparticipações financeiras.



# Depois do fogo... a união

Em agosto de 2016, um incêndio que lavrou no concelho de Águeda, estendendo-se por mais de 7 000 hectares, deixou rasto em Castanheira do Vouga. Pedro Ferreira foi um dos pequenos proprietários afetados, mas não demorou a encontrar força para deitar de novo a mão à floresta. Desta vez, com a ajuda de Henrique Oliveira e Paulo Cyhlar, proprietários de pequenas parcelas vizinhas à sua. Os três decidiram juntar os seus terrenos e, mobilizando mais vizinhos, dinamizaram a criação da AFA da Panasqueira, projeto que arrancou em 2017 e avançou para a plantação em março de 2018, seis meses antes da formalização do contrato de gestão coletiva.

"Decidimos juntar os nossos terrenos e obter uma área maior, para conseguirmos explorar tudo de uma só vez", afirma Paulo Cyhlar, salientando o "espírito de confiança" entre todos os proprietários. "Este modelo de gestão facilita a vida aos produtores no âmbito técnico, na exploração florestal, no respeito pela ecologia e pela biodiversidade, e vai proporcionar mais rendimento às pessoas", acrescenta.

"Em áreas maiores passamos a ter assessorias técnicas que o pequeno produtor normalmente não tem", completa Pedro Ferreira, defendendo a cultura ordenada do eucalipto. "É muito diferente cultivar eucalipto com regras e onde é mais adequado, do que ter eucalipto a crescer em qualquer lado e de qualquer forma. E, desta forma, ainda estamos mais salvaguardados dos vizinhos que não cuidam dos seus terrenos."

# Mais rendimento e maior poupança

O entusiasmo dos proprietários da Área Florestal Agrupada da Panasqueira – projeto que já mereceu destaque no programa "Faça Chuva Faça Sol", da RTP2 – justifica-se pela expectativa de ganhos substanciais com a gestão em conjunto da floresta: um aumento superior a 60% da produtividade do terreno e uma poupança de cerca de 20% nos custos dos trabalhos florestais.

A AFA está plantada em 80% com eucalipto, integrando nos restantes 20% uma rede de infraestruturas que serve a plantação, nomeadamente caminhos e acessos para melhor circulação de máquinas e veículos, a proteção de uma linha de água e de um ribeiro, mas também áreas com espécies autóctones que garantem o enquadramento da paisagem e a manutenção de valores ambientais. A arborização destas áreas de conservação foi feita pelos próprios proprietários no final de 2018, com a plantação de carvalhos, freixos, castanheiros, azinheiras e medronheiros. **PF** 

# O QUE SÃO ÁREAS FLORESTAIS AGRUPADAS

As Áreas Florestais Agrupadas (AFA) têm, geralmente, áreas superiores a 10 hectares, formadas por cinco ou mais parcelas contínuas de terreno que pertençam, no mínimo, a cinco proprietários. Na constituição de uma AFA, os proprietários não perdem a posse dos seus terrenos e ganham com um modelo de gestão que potencia o valor da floresta. As principais vantagens estão na maior produtividade, na facilidade de cumprimento das questões legais, no acesso a melhores condições de financiamento e contratualização de seguros, no processo de obtenção de certificação florestal, e também no combate mais eficaz a pragas e doenças, e mesmo a incêndios.



# O APOIO DA AFBV E DA AUTARQUIA DE ÁGUEDA



O projeto pioneiro da AFA da Panasqueira contou com a colaboração, desde a primeira hora, da Associação Florestal do Baixo Vouga (AFBV), que também representa uma das parcelas, como arrendatária. A associação presta apoio técnico e jurídico, mas também apoio financeiro, através do Programa de Apoio ao Investimento (PAI), que disponibiliza verbas para o fomento da floresta de minifúndio.

"A associação presta apoio técnico desde a plantação até à venda da madeira, assim como na valorização dos serviços de ecossistemas", explica Luís Sarabando, coordenador da AFBV. "O grande problema de gestão é a pequena propriedade (o minifúndio), e as AFA procuram dar uma resposta efetiva a este problema, porque queremos uma economia de escala que permita poupança de custos, aumento de produtividade e a salvaguarda dos valores ambientais e das boas práticas florestais", acrescenta o responsável.

O projeto agrupado de Castanheira do Vouga contou ainda com o apoio da autarquia de Águeda, que facilitou a abertura de acessos e caminhos nos terrenos. Zonas de circulação que são facilmente alcançáveis por um carro de bombeiros, contribuindo para que o risco de propagação de incêndios baixe significativamente.

António Oliveira, Paulo Cyhlar, Pedro Ferreira e António Santos são quatro dos produtores que se juntaram em Castanheira do Vouga para a gestão de uma floresta com boas práticas





O fator humano desempenha um papel primordial na exploração florestal, mas o negócio de corte e transporte de madeira está hoje muito mais otimizado. É o resultado de uma estrutura que cresceu e movimenta equipamentos de centenas de milhar de euros.

trabalho na floresta não tem segredos para Pedro Pinho que, desde os 21 anos, gere a sua própria empresa de exploração florestal, a PH Pinho Madeiras Lda. "Prestamos serviços que são basicamente corte e transporte de madeira, mas também compramos madeira em bruto, que transformamos e transportamos para as fábricas de celulose", afirma à Produtores Florestais o empreiteiro florestal, de 33 anos. Seguindo uma longa tradição familiar na atividade silvícola, Pedro Pinho reconhece a evolução que se verificou na estrutura da empreitada florestal em pouco mais de uma década. "Quando comecei, o trabalho era sobretudo manual e agora é muito mais mecanizado. A mecanização transformou as operações na floresta e, hoje, há máguinas que fazem o trabalho de 4/5 pessoas", adianta o empreiteiro florestal, reconhecendo reflexos positivos no trabalho em

escala, ganhos de produtividade e maior segurança nas operações.

Esta realidade alterou a composição do estaleiro florestal, onde se movimenta equipamento que representa investimentos de várias centenas de milhar de euros. "Uma simples motosserra anda à volta de mil euros, mas o equipamento pesado pode atingir facilmente os 800 mil/900 mil euros. Estou a falar do Harvester, mais um trator com grua e forward, um camião e galeras para transporte de madeira; por vezes também pode ser preciso outro camião para remover resíduos...", diz Pedro Pinho, para logo reforçar: "Se for tudo novo, o investimento pode chegar a um milhão de euros. E sem contar com a logística associada, o combustível e a manutenção."

"Uma simples motosserra anda à volta de mil euros, mas o equipamento pesado pode atingir facilmente os 800 mil/900 mil euros", diz o jovem empreiteiro, acrescentando: "Se for tudo novo, o investimento pode chegar a um milhão de euros."

# Uma operação em quatro fases

Apesar de toda a tecnologia que é empregue nas operações florestais, que dá resposta a uma escassez de mão de obra na floresta, o fator humano continua a desempenhar um papel primordial. "No nosso trabalho, normalmente somos quatro. Um faz o abate da madeira com motosserra; outro, aos comandos do Harvester, processa a madeira, descasca-a e já a deixa empilhada em lotes; um terceiro operador conduz o trator que tira a madeira do monte e carrega o camião; e, por fim, o motorista faz o transporte desta para a indústria transformadora", explica Pedro Pinho, que acumula a gestão da empreitada com as tarefas de rechega para o camião de transporte.





 O Harvester processa a madeira, descasca-a e já a deixa empilhada em lotes

A empresa de Pedro Pinho desenvolve a sua atividade na região de Albergaria-a-Velha e concelhos vizinhos, e nenhuma operação é desencadeada sem um planeamento prévio da área florestal a ser intervencionada. "Toda a floresta é tratada mais ou menos da mesma maneira. Temos de ter cuidados. como estudar os acessos, onde podemos efetuar as cargas, e qual a maneira mais fácil de sair do terreno onde estamos a laborar", refere o empreiteiro florestal, reconhecendo que as maiores dificuldades estão nos minifúndios (pequenas parcelas de terreno), que obrigam a deslocar as máquinas várias vezes num curto espaço de tempo. "O trabalho no minifúndio é complicado, pois a máquina não tem muito espaço para manobrar, o que atrasa bastante as operações e aumenta a despesa", acrescenta.

### Carregar 80 toneladas por dia

Num dia de trabalho de 9 horas, a equipa de Pedro Pinho consegue carregar, em média, dois camiões, qualquer coisa como 80 toneladas. "É sempre relativo. Depende dos terrenos, do tipo de madeira. Há locais onde apenas retiramos 40 toneladas por dia. Noutros terrenos, com melhores acessos, e se for para retirar madeira com casca, podemos processar mais de 100 toneladas num dia", adianta o jovem empreiteiro. Ator num mercado com bastante concorrência, o custo das operações florestais é negociado com os proprietários de duas formas: através de uma percentagem da madeira que é transportada para a fábrica ou com base numa estimativa das toneladas de madeira que estão no terreno. **PF** 

 Um trator com grua transporta a madeira do monte e carrega-a no camião

# A CERTIFICAÇÃO PROMOVE A RENTABILIDADE

A empresa, que iniciou atividade em 2017, é uma das várias que opera na área da certificação em Portugal, implementando a norma internacional FSC® para produtores e fornecedores de produtos florestais.

"A floresta tem de ser rentável para que os proprietários se sintam incentivados a fazer investimentos nela, nomeadamente adubações, plantações, limpezas, manutenção. E a certificação promove a rentabilidade. A certificação é uma ferramenta para melhorar as operações na floresta, e no final, a madeira de eucalipto certificada é valorizada pela indústria" - é desta forma que Susana Brígido, diretora-geral da 2BForest, explica a importância dos processos de certificação, aos quais se dedica esta empresa, que tem escritório Lisboa mas atua em todo o país, com a colaboração de seis parceiros regionais. A 2BForest é uma empresa especializada na área da certificação florestal. A sua atividade centra-se

na dinamização de grupos de certificação para a gestão florestal, e para empresas de exploração e comercialização de produtos florestais. O Grupo de Certificação Florestal, 2BForest Group, foi formado em 2017 e integra atualmente 242 proprietários, com terrenos que vão dos 0,2 hectares até aos 3 000 hectares, numa rede que se estende de Vila Nova de Cerveira (Minho) a Monchique (Algarve).

"Damos um apoio muito próximo ao produtor, que se traduz na apresentação de um plano de gestão florestal dentro dos parâmetros da lei e todo o acompanhamento durante a sua implementação", explica Susana Brígido.



A adesão à certificação traz ainda outras vantagens, como o acesso facilitado a fundos comunitários e parcerias que têm o apoio da indústria ou do sistema internacional de certificação FSC® (Forest Stewardship Council®).

### Como fazer a adesão à certificação

Na 2BForest a adesão ao Grupo de Gestão Florestal Certificado começa numa conversa entre o proprietário florestal e um técnico ou parceiro da empresa, onde se faz a caracterização da propriedade. Com a assinatura da documentação de adesão é assumido o compromisso de pelo menos 5 anos no grupo e um compromisso de longo prazo com a gestão florestal. Durante este processo devem ficar definidos os limites do terreno e demonstrada a titularidade dos mesmos. "A propriedade não tem de estar perfeita, mas o proprietário assume o compromisso com a gestão do seu terreno e o cumprimento de medidas mínimas, como a defesa da floresta contra incêndios. Para tal. conta com o acompanhamento dos nossos técnicos e ainda ajudamos noutras medidas, com as parcerias estabelecidas, nomeadamente o programa Limpa & Aduba ou os apoios para áreas de conservação", adianta a responsável da 2BForest.

A ação da empresa também abarca a Certificação de Cadeia de Custódia para fornecedores de produtos florestais. "Esta certificação é destinada a apoiar pequenas empresas - até 15 trabalhadores e um volume de negócios até 1 milhão de euros. Iniciámos com 9 empresas em 2017 e hoje tralhamos com cerca de 40", refere Susana Brígido, sublinhando as vantagens para as empresas madeireiras certificadas: "Apoio no cumprimento da legislação de higiene e segurança no trabalho, beneficiam de formação específica e ganham estatuto junto do poder local e junto dos proprietários."

Esta bolsa de madeireiros certificados é uma garantia de que as operações que são feitas nos terrenos florestais cumprem as melhores práticas, em prol da preservação dos recursos naturais, linhas de água e biodiversidade. Como resultado final, a produção de madeira certificada vai dar origem a produtos rotulados. A rotulagem vai permitir ao consumidor final optar por produtos com origem em áreas florestais onde é praticada uma gestão responsável, ao nível ambiental, social e económico. **PF** 

 Gabriela Cabral, Susana Brígido e Marta Bastos formam o núcleo principal desta empresa de certificação



"Damos um apoio muito próximo ao produtor, que se traduz na apresentação de um plano de gestão florestal dentro dos parâmetros da lei e todo o acompanhamento durante a sua implementação", explica Susana Brígido.

# OS NÚMEROS DA 2BFOREST



# 38 empresas

Certificadas de exploração e comercialização de produtos florestais



# 242 proprietários

Florestais certificados



# 8 362 ha

Área florestal total certificada



3 245 ha

Área de eucalipto certificada

\* Outubro de 2019

# **CONSULTÓRIO TÉCNICO**

# COMO LOCALIZAR E **IDENTIFICAR OS LIMITES DA** PROPRIEDADE FLORESTAL

A identificação no terreno dos limites dos prédios rústicos evita a repetição dos levantamentos, define bem os limites de cada parcela (evitando desavenças com vizinhos) e facilita a identidade do dono de cada prédio.

As associações de proprietários florestais e várias empresas que operam no ramo da Topografia e dos Sistemas de Informação Geográfica dispõem de profissionais capazes de auxiliar no levantamento dos limites com recurso a GPS.

# 6.

A informação bem definida dos limites da propriedade simplifica a execução e licenciamento de um projeto florestal (plantação, rearborização, etc.), pois anula a possibilidade de haver dois proprietários a "reclamar" a mesma área. E, em última análise, contribui para o ordenamento e a correta gestão do património florestal nacional.

2.

A demarcação de um prédio florestal é um dever do proprietário, e apenas este, ou alguém por ele mandatado, tem legitimidade para definir os limites do seu terreno (muitas vezes com a aiuda de pessoas mais velhas da localidade, pois já existem muitos herdeiros que não conseguem localizar os seus prédios).

# 5.

No final, o proprietário dispõe de informação, quer em papel, quer em formato digital, que identifica, localiza e indica a área do(s) seu(s) prédio(s) de forma correta e precisa.

Os marcos a utilizar para a identificação dos limites do prédio florestal devem ser de cantaria, betão ou madeira, com secção quadrada de lado não inferior a 15 centímetros e, pelo menos. com 75 cm de altura. Estes devem estar enterrados de modo a que a parte acima do solo tenha cerca de 30 cm, e colocados de forma bem visível nos pontos em que as estremas do prédio mudam de direção.

Queremos aiudar a esclarecer as suas dúvidas. Pode enviar a suas questões para o e-mail:

revista@produtoresflorestais.pt

# Veja mais em:

www.produtoresflorestais.pt



# Conhece a exata localização da sua propriedade? E sabe quais são os limites do seu terreno florestal?

A localização e identificação dos limites da propriedade facilita a execução e o licenciamento de um projeto florestal, e representa uma informação útil para os prédios rústicos que ainda não são abrangidos pelo cadastro florestal.

Esta informação contribui para uma melhor gestão da propriedade privada, incentiva o investimento e proporciona a obtenção de maiores rendimentos.





#### Que importância tem a floresta no nosso dia-a-dia?

Se o "nós" for o país, há uma parte muito significativa neste nosso "eu coletivo" que é floresta. Começa pela importância que os espaços florestais têm na ocupação do território. Segue com o facto de as florestas serem a nossa componente mais eficaz na redução de CO<sub>2</sub> da atmosfera. Continua com o elevado impacto das fileiras de base florestal para a nossa economia. E termina com a sua função social, quer na componente do emprego que é gerado por estas atividades – ao nível da floresta de base, na mão de obra que utiliza na gestão dos espaços florestais, e também ao nível das indústrias –, quer enquanto espaço lúdico ou gerador de "bens" que preenchem determinadas necessidades do mundo rural.

#### Estamos muito ligados à floresta...

Muito. Para além de coisas tão óbvias como a produção de oxigénio e o sequestro de carbono, a floresta é papel, mobiliário, revestimento de paredes e de chão, tintas e diluentes (que utilizam resinas das árvores), perfumaria (que utiliza extratos de plantas), embalagens, produtos alimentares, vinho, roupa, pranchas de surf, até as naves espaciais utilizam alguns materiais derivados da cortiça. É quase impossível um ser humano em Portugal estar a menos de dois ou três metros da floresta, em qualquer momento da sua vida.

# Especificamente, qual o contributo da floresta para a economia nacional?

As três fileiras de base florestal representam uma parte nada negligenciável da nossa economia. Não só pela importância que têm para o Produto Interno Bruto, como também pelos empregos que geram, diretos e indiretos, e porque assenta na floresta uma parte importante daquilo que é o valor de exportações que o país vai conseguindo alcançar. Não de produto florestal puro, na sua maioria, mas sim transformado, no âmbito das três grandes fileiras: pasta de papel, cortiça e transformados da madeira de pinho (mobiliário, painéis derivados de madeira...). Neste caso das exportações, há ainda a particularidade de ser também um setor cujo saldo de balança comercial com o exterior é muito positivo.

"A floresta é papel, mobiliário, revestimento de paredes e de chão, tintas e diluentes, perfumaria, embalagens, produtos alimentares, vinho, roupa, pranchas de surf, até as naves espaciais utilizam alguns materiais derivados da cortiça."

#### E quanto ao impacto social da floresta?

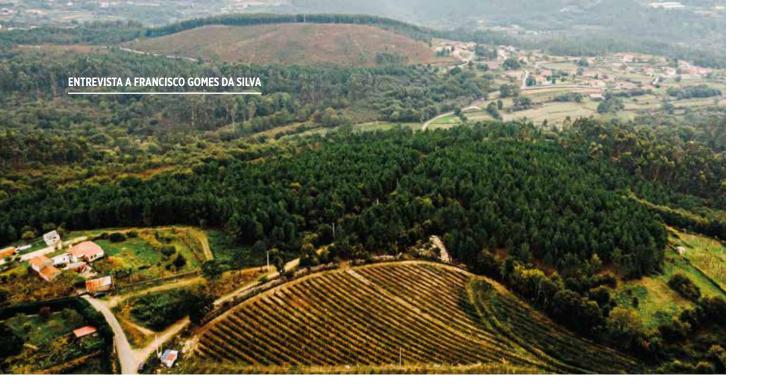
Esta questão social, da relação das pessoas com os espaços florestais, é, do meu ponto de vista, a dimensão que carece da procura de soluções de forma mais marcada. Enquanto que a dimensão económica, de produção de bens, está bastante bem resolvida, na área social é onde o problema existe: o afastamento é uma realidade, e decorre de motivos muito racionais.

### As pessoas estão a afastar-se da floresta?

A floresta tem vindo a perder alguma da importância social que tradicionalmente tinha. Os espaços florestais serviam de base às populações rurais para um conjunto de necessidades que, com o passar do tempo, passaram a ser satisfeitas com outros recursos. Por um lado, porque a população rural diminuiu muito, por outro, porque a própria sociedade evoluiu no sentido de que essas necessidades desaparecessem. Houve um conjunto de valores que a floresta deixou de proporcionar, e, como tal, começou a ser menos cuidada. Esta dimensão tradicional mantinha um equilíbrio muito interessante no espaço rural, nomeadamente na gestão do fogo, com o impedimento de acumulação de biomassa. Mas mesmo que as florestas não ardessem, haveria sempre um conjunto de problemas que passavam pelas restantes manifestações de abandono: um território que tem claramente menos gente, e para o qual não foram ainda encontrados usos alternativos ao anteriores, que tenham algum valor.

# E nas cidades, como é a relação das pessoas com a floresta?

Complicada... As gerações mais novas têm cada vez menos relação com os espaços rurais; já não têm raízes no campo, através de laços familiares, já não vão lá, já não se identificam. E isso torna esta relação particularmente difícil. A visão que a população urbana tem da floresta é de conto de Walt Disney, é a floresta do Bambi. É aquela com os passarinhos a cantar, uma temperatura agradável, água a correr, ervas bem cortadinhas no chão. Ora, quem tem esta visão da floresta, nunca foi à floresta. Porque a floresta é um espaço incómodo. Tem moscas, abelhas, formigas, o chão tem picos, os arbustos arranham as pernas. Nada daquilo é uma coisa de conto de fadas. Portanto, esta visão idílica que se tem da floresta faz com que uma grande parte da sociedade emita opiniões que ganham força, que ecoam e influenciam os decisores políticos e sociais, sobre uma realidade que, primeiro, não compreende, porque não conhece, por causa deste afastamento; e, segundo, pronunciando-se sobre uma coisa que não lhe pertence. Porque a floresta, em Portugal, é privada, o Estado tem apenas 2% da área florestal. >



"A evolução da tecnologia e do conhecimento em torno da floresta permite produzir muitos metros cúbicos de eucalipto, de pinheiro, ou de outra coisa qualquer, sem com isso pormos em causa valores naturais ou recursos naturais."

# A floresta é importante do ponto de vista ambiental. E em termos de biodiversidade?

A boa gestão de um espaço florestal é um bom contributo para a biodiversidade, certamente diferente – e não para pior, como muitas vezes se pensa – daquele que ocorreria se entregássemos a natureza ao seu curso. Ao gerir o espaço, nós podemos fazer escolhas. E essa é uma grande vantagem que o ser humano tem: poder pensar, e, com todo o conhecimento acumulado, decidir qual é a biodiversidade que é importante conservar, quais são as espécies, o que é que é importante introduzir, como é que a gestão deve ser conduzida para privilegiar aquilo que é importante desse ponto de vista também. A natureza não faria isso. A natureza poria as espécies em competição umas com as outras, e as mais adaptadas sobreviveriam.

# Como tem sido gerido o potencial da nossa floresta?

Temos muita área de floresta mal gerida, pouco intervencionada, mas o potencial existe, sem precisarmos de aumentar a área florestal. Alargando a boa gestão, poderíamos facilmente produzir o dobro do que produzimos. Há um envolvimento cada vez maior das indústrias (seja na fileira do eucalipto, na do pinheiro ou na do sobro), na tentativa de melhorarem os modelos de gestão. As indústrias não ganham nada em ter um povoamento mal gerido, a produzir 3 ou 4 m<sup>3</sup> de madeira por hectare/ano, em vez de outro, bem gerido, que produza quatro ou cinco vez mais. Todos os estímulos são nesse sentido. Mas isto leva tempo. Numa floresta de produção, não há razão nenhuma para que a gestão dos povoamentos não seja feita numa perspetiva de conservação dos recursos naturais. A evolução da tecnologia e do conhecimento em torno da floresta permite produzir muitos metros cúbicos de eucalipto, de pinheiro, ou de outra coisa qualquer, sem com isso pormos em causa valores naturais ou recursos naturais.

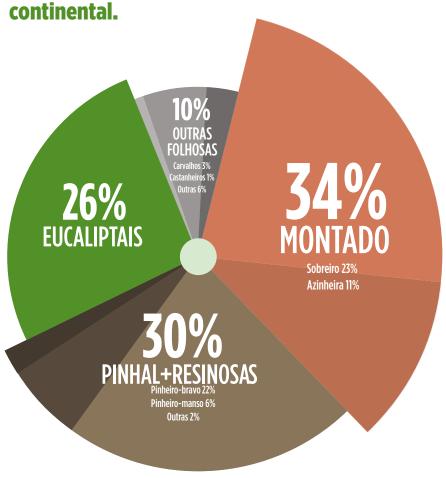
# Qual o grande desafio da floresta nacional para as próximas décadas?

Os desafios são muito mais de caráter social e de gestão de território, do que propriamente económicos ou ambientais. Os económicos existem, mas a indústria trata de os resolver. Ambientalmente, as florestas, por definição, são bons contributos ambientais, tanto melhores quanto melhor forem geridas. O resto é que é um problema grande: fracionamento de propriedade, desconhecimento dos proprietários, abandono, conservação, quem zela, onde estão os recursos. O grande desafio é conseguir canalizar os recursos que a floresta necessita para fazer aquilo que tem de ser feito. **PF** 

Leia a entrevista na íntegra em: www.produtoresflorestais.pt.

# A FLORESTA OCUPA 36% DO NOSSO TERRITÓRIO

Três espécies florestais - eucalipto, sobreiro e pinheiro-bravo - estão na base da fileira florestal que alimenta a economia nacional. Estas representam, em conjunto, 71% da área florestal de Portugal



Fonte: 6.º Inventário Florestal Nacional (IFN6), ICNF

A floresta nacional tem uma extensão de 3,2 milhões de hectares, que corresponde a mais de um terço do país (36%), sendo o principal uso do solo em Portugal continental. Maioritariamente constituída por espécies florestais autóctones (72%), a floresta portuguesa

#### MONTADO

Os montados de sobro e azinho são a principal ocupação florestal, com pouco mais de 1 milhão de hectares (1 069 mil ha), equivalente a 1/3 da nossa floresta.

#### **PINHAIS**

Os pinhais constituem a segunda formação florestal, com quase 1 milhão de hectares (959 mil ha), tendo sofrido uma redução de área devido aos incêndios e pragas, apesar do aumento de mais de 20 mil hectares de pinheiro-manso desde 2005.

### **EUCALIPTAIS**

Os eucaliptais ocupam 844 mil hectares, reflexo da tendência de incremento registada nos últimos 50 anos.

## **OUTRAS FOLHOSAS**

As folhosas caducifólias (carvalhos, castanheiros, etc.) são as menos representativas no panorama florestal nacional (320 mil ha - 10%), embora com um aumento sistemático durante os últimos 20 anos.

é organizada em quatro grandes grupos, como referido no 6.º Inventário Florestal Nacional (IFN6), destacando-se três espécies: o eucalipto (26%), o sobreiro (23%) e o pinheiro-bravo (22%).

O IFN6 documenta o estado da nossa floresta em 2015, mas apresenta também uma estimativa para 2019, tendo em conta os incêndios rurais que ocorreram em 2017 (Pedrogão Grande e Região Centro) e 2018 (Monchique). Segundo esta estimativa, o sobreiro será, atualmente, a espécie com maior área em Portugal continental (701 mil ha), seguido do eucalipto (652 mil ha) e do pinheiro-bravo (492 mil ha).

# NOVO MODELO DE REARBORIZAÇÃO DE MINIFÚNDIOS



Um novo modelo de rearborização aplicado ao minifúndio, desenvolvido pela The Navigator Company com a colaboração da Fravizel -Metalomecânica e Engenharia, promove a produtividade florestal, apresentando soluções ambientalmente ajustadas e vantagens económicas face a práticas tradicionais. Em termos práticos, consiste no arranque dos cepos, aproveitando a totalidade das raízes no reforço dos níveis de matéria orgânica; na mobilização do solo com recurso a uma nova alfaia adaptável a

pequenos tratores florestais; e na recuperação local dos cepos para aproveitamento energético (lenha ou central de biomassa). "As florestas de eucalipto, choupo e de pinho do minifúndio estão envelhecidas e precisam ser renovadas. A disponibilização de novos equipamentos, ajustados às condições do minifúndio, reduzem os custos das operações e facilitam a rearborização, para que se tenha uma floresta mais segura, mais produtiva e mais rentável", afirma José Luís Carvalho, coordenador de Inovação e Desenvolvimento Florestal da Navigator.

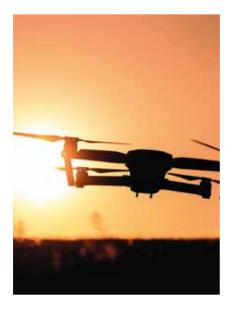
# **145€ MILHÕES PARA APOIAR PROJETOS FLORESTAIS**

O Ministério do Ambiente e Ação Climática quer tornar mais atrativo o investimento na floresta e, por isso, disponibilizou 145 milhões de euros, com o objetivo de permitir uma gestão mais sustentável deste ecossistema, com incidência nas funções ambientais, sociais, económicas e paisagísticas. As duas áreas com mais verbas disponíveis, de 35 milhões de euros cada, abrangem a florestação de terras não agrícolas (matos) e a

reflorestação de povoamentos em áreas ardidas entre 2003 e 2019. Mas também existem verbas para aplicar na prevenção da floresta contra agentes bióticos, na melhoria da resiliência e do valor ambiental, e ainda na melhoria do valor económico para recuperação de povoamentos de eucalipto em subprodução, através da rearborização com a mesma espécie ou outra. As candidaturas a estes concursos, financiados pelo



PDR2020 e Fundo Ambiental, decorrem até outubro.



# DRONES E SATÉLITES VÃO AJUDAR A DETETAR PRAGAS

Uma equipa de investigadores da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) lidera o projeto europeu FOCUS, que combina o uso de imagens de satélites Copernicus e por drones para a deteção precoce de pragas e doenças florestais. Os primeiros resultados do programa revelaram bastante eficácia na deteção de árvores afetadas pelo nemátode da madeira de pinheiro (doença

da murchidão do pinheiro), o que leva os investigadores a considerarem que vai ser possível detetar outras doenças com sintomas semelhantes. A grande mais-valia desta tecnologia é a monitorização de grandes manchas de floresta com custos menores, sendo que os meios utilizados permitem uma visão global (satélite), mas também uma informação cartográfica detalhada (drones) das zonas afetadas.

# PLATAFORMA E-GLOBULUS.PT AJUDA NA GESTÃO SILVÍCOLA

Já está disponível online o www.e-globulus.pt/, plataforma de acesso gratuito para melhor gestão da silvicultura do eucalipto, com indicações técnicas sobre a adubação, preparação do terreno, controlo da vegetação, e muito mais. Este projeto de divulgação de conhecimento técnico foi desenvolvido pelo RAIZ (Instituto

de Investigação da Floresta e Papel) e destina-se a empresas da área florestal, organizações de proprietários florestais e produtores/técnicos florestais. Na plataforma, o utilizador poderá introduzir os dados da sua propriedade para aceder a uma indicação técnica ajustada ao seu caso, para uma gestão



responsável e mais produtiva do seu eucaliptal.

# AÇÃO DE CONSERVAÇÃO DE ESPÉCIE RARA DE CARVALHO

Cinquenta novos Carvalhos-de-Monchique foram plantados na propriedade de Águas Alves, propriedade da The Navigator Company situada no sudoeste algarvio (zona de Monchique). Esta ação visa contrariar a ameaça de extinção desta espécie rara de carvalho autóctone (Quercus canariensis) que, em Portugal, conta apenas cerca de 300 árvores. Inserida no âmbito da estratégia de conservação da biodiversidade da Companhia, a plantação destes carvalhos únicos contou com o apoio do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos

Genéticos (CIBIO) e com a colaboração do Jardim Botânico do Porto-Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, que cedeu as bolotas originárias da zona de Monchique para a reprodução das 50 novas plantas.

# FOGOS MAIS INCONTROLÁVEIS SEM PREVENÇÃO NA FLORESTA

Os incêndios estão cada vez mais severos, como ficou tragicamente evidente em 2017 em Portugal, por isso, manter o foco no combate ao fogo está destinado a falhar. É preciso mudar de paradigma e centrar os esforços de forma equilibrada em prevenção e combate. Esta é a conclusão de um estudo internacional que envolveu 22 investigadores de países que enfrentam ciclicamente o drama dos incêndios, nomeadamente do sul da Europa, Chile, África do Sul, Califórnia (EUA) e Austrália.

A acumulação de vegetação em anos de menor incidência de fogos irá ser o combustível para os incêndios de grandes proporções, impossíveis de combater em condições meteorológicas adversas, por mais meios de combate que estejam no terreno. "Apostar tudo no combate e nos meios aéreos não é solução", afirma Francisco Moreira, investigador do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO), da Universidade do Porto, ISA e Universidade de Lisboa, e



coordenador do estudo, que defende, entre outras ações, "uma gestão permanente da vegetação e cinturas de segurança junto às áreas urbanas".

Envie-nos a sua notícia para: revista@produtoresflorestais.pt

Veja mais em: www.produtoresflorestais.pt

# "A FLORESTA É A INSTITUIÇÃO BANCÁRIA DAS PESSOAS"



# Qual a importância da floresta no concelho de Mortágua?

A floresta tem uma importância primordial no concelho de Mortágua. O concelho tem 250 km², dos quais 80% são floresta, sendo que cerca de 85% dessa floresta é eucalipto. Como outros concelhos, Mortágua também passou pelo problema dos incêndios, mas conseguiu renascer e hoje não tem um metro quadrado de área por florestar. Houve uma consciencialização das pessoas, a colaboração do município e todos deram as mãos para repor a floresta. A floresta é a instituição bancária das pessoas quando precisam recorrer a ela para o orçamento familiar, para a educação dos filhos, para a compra de um carro ou para fazer obras em casa. A floresta apoia as pessoas e, por isso, tem de ser tratada com muito amor e carinho.

# Que desafios enfrenta o município e que ações têm sido desenvolvidas em prol da floresta?

A falta de cadastro criou alguns problemas no processo de reflorestação. Não sei como é possível ordenar a floresta sem saber de quem ela é, o que lá existe, quais as condições... Tudo isso é determinante. Temos de saber qual o potencial do solo, a árvore mais adequada, as características do clima e, por isso, trouxemos a universidade

até Mortágua. Atualmente, estamos a desenvolver dois projetos, com o Politécnico de Viseu e com a Universidade de Coimbra, em parceria com o RAIZ. que é quem mais sabe da floresta. Além disso, desenvolvemos inúmeras ações, pensando na preservação da floresta, na sua exploração e no turismo. Temos 2 700 km de caminhos florestais; criámos uma Rede Estratégica de Pontos de Água para permitir que os helicópteros se abasteçam de água no combate aos incêndios; e, juntamente com todas as juntas de freguesia, fazemos a limpeza de toda a mancha florestal do concelho e vigiamos a nossa floresta com veículos equipados com kits de primeira intervenção.

# Que medidas identifica como prioritárias para o desenvolvimento da floresta em Portugal?

A floresta só tem futuro se for economicamente rentável. Ninguém vai investir o seu dinheiro na floresta correndo o risco inerente dos incêndios, das pragas. É preciso fazer uma reforma da floresta, mas os Governos têm de ter a consciência que esta não pode ser feita em ciclos de 4 anos. Defendo um pacto de regime, com todos os partidos. Pela nossa parte, estamos disponíveis para receber todos os grupos parlamentares, a indústria, a CAP, seja quem for, para transformarmos o fórum florestal de Mortágua num verdadeiro fórum nacional para se discutir a problemática da floresta. Uma discussão sem tabus, começando pelo presidente da Câmara de Mortágua, que é um defensor do eucalipto mas sabe que a monocultura pode ser melhorada.

# **AGENDA**

**Nota:** Devido à pandemia Covid-19, os eventos culturais agendados para os próximos meses poderão ser cancelados ou adiados para data posterior.

#### **JULHO**

Eventos cancelados: Festas do Almonda, em Torres Novas; Feira dos Enchidos, Queijo e Mel, em Vila de Rei; Feira de Sant'Iago, em Setúbal; Expofacic em Cantanhede; e FACECO, em S.Teotónio/Odemira.

#### 17 a 19 de julho

- 11º Festival do Melão, em Alpiarça.

#### **AGOSTO**

Eventos cancelados: Feira de S. Mateus, em Viseu; e 41º FATACIL, em Lagoa.

#### 4 a 9 de agosto

 - 37º Festival do Vinho Português/ 27º Feira Nacional da Pera Rocha, na Mata Municipal do Bombarral.

#### 28 a 30 de agosto

 - 22ª Zimbramel/Feira do Mel da Península de Setúbal, no Parque Augusto Pólvora, em Maçã/Sesimbra.

### **SETEMBRO**

A Agroglobal foi adiada para 6 a 8 de julho de 2021.

#### 2 a 6 de setembro

- 38ª Alpiagra, em Alpiarça;
- 27ª Festa do Leitão da Bairrada, em Águeda;

# 2 a 7 de setembro

- Feira da Luz/Expomor, em Montemor-o-Novo.

#### 3 a 8 de setembro

- 58ª Festa das Vindimas, em Palmela.

#### 4 a 6 de setembro

Feira do Monte, em Santiago do Cacém
 29ª Feira do Vinho do Dão, em Nelas.

## 17 a 19 de setembro

25ª Feira Nacional do Porco, no Parque de Exposições do Montijo.

## 24 a 27 de setembro

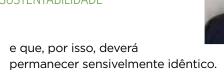
76ª Feira das Colheitas, em Arouca.

# **OPINIÃO**

NACIONAL

# A IMPORTÂNCIA DA FILEIRA FLORESTAL PARA A ECONOMIA

**DANIEL BESSA,** ECONOMISTA E PRESIDENTE DO JÚRI DO PRÉMIO FLORESTA E SUSTENTABILIDADE



importância de um qualquer setor de atividade, no caso a fileira florestal, para a economia nacional tem formas consagradas de aferição: contributo para o PIB, contributo para PIBs mais delimitados, como poderão ser o agrícola, o industrial ou o dos serviços, emprego criado, tanto direta como indiretamente (incluindo fornecedores), massa salarial correspondente a esse ou a esses volumes de emprego, salário médio, valores em matéria de exportação e correspondentes percentagens em totais determinados, EBITDA e lucros líquidos libertados nas empresas do setor, montantes de investimento, impostos pagos, etc.

A determinação destes valores, e a formulação de um juízo sobre todos e cada um deles, constituiria, só por si, trabalho de grande envergadura, fora do alcance de um investigador isolado, para ser retido num número muito limitado de caracteres.

Há sempre, é claro, a possibilidade de nos socorrermos de trabalho já realizado por outros. cujos resultados nos limitaríamos a reproduzir, com a devida vénia, e a comentar. Não faltam, na fileira florestal, trabalhos desta natureza, em que me permitira destacar, pela sua abrangência, o "Relatório de Caracterização da Fileira Florestal", publicado pela AIFF, cuja última edição data de 2014, com informação relativa a 2013. Nele encontrará, o leitor interessado, informação muito para além da que aqui poderia proporcionar-lhe acrescendo que, para os mais familiarizados com o sector, muitos destes números, pelo menos os de maior relevância, são do conhecimento comum. Permitir-me-ei, por isso, referir e comentar um único desses números: os 9,1% de peso atribuído ao setor no total das exportações de bens, em Portugal, em 2013 - valor de ordem estrutural, pouco suscetível de variações de curto prazo

As exportações são um desígnio maior da economia e da sociedade portuguesa, que não dispõe de outro meio de crescer de forma saudável, ou sustentável, como hoje se diz - muito dependente de importações, qualquer crescimento da economia portuguesa impulsionado pelo consumo ou pelo investimento internos, tanto privados como públicos, acabará, mais cedo do que tarde, bloqueado pelo aumento do défice das contas externas, com consequente endividamento (da Nação, mais do que do Estado).

O valor acrescentado nacional incorporado na exportação de 1 euro de produtos florestais é muito superior ao incorporado em 1 euro de exportação da generalidade dos produtos industriais.

Exportar é, pois, decisivo. E 9,1% das exportações nacionais de bens constitui um contributo importante – bem mais importante do que parece se atentarmos em que o valor acrescentado nacional incorporado na exportação de 1 euro de produtos florestais é muito superior ao incorporado em 1 euro de exportação da generalidade dos produtos industriais.

Exportar 1 euro de produtos de cortiça, de papel ou de pasta para papel acrescenta muito mais do que exportar 1 euro de derivados de petróleo (para dar apenas um exemplo, e sem sombra de demérito para quem se dedica à exportação deste tipo de produtos). Nunca vi esta diferença suficientemente valorizada na comunicação da fileira florestal, se possível de forma quantificada, tão rigorosamente quanto possível, e gostaria de ver.

# **FICHA TÉCNICA**

Edição e coordenação: Direção de Comunicação e Marca

**Diretor:** Rui Pedro Batista **Design:** Brand Practice

Conteúdos: Key Message Comunicação Estratégica Proprietário/ Editor: The Navigator Company

The Navigator Company

Morada e sede da redação:

Av. Fontes Pereira de Melo, 27
1050-117 Lisboa

Impressão: Impresso em papel Soporset Premium Offset 110 g/m², tendo por base florestas com gestão responsável. Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec.Reg. 8/99 de 9/6 art.12º nº1-a). Depósito Legal nº 0000/18 Periodicidade: Bimestral Tiragem: 30 000 exemplares Gráfica: LST\_Artes Gráficas

**PUBLICAÇÃO GRATUITA** 

# RECEBA GRATUITAMENTE AREVISTA PRODUTORES FLORESTAIS



Com periocidade bimestral, esta publicação é totalmente dedicada ao setor florestal e um apoio útil para os produtores.

Saiba o que de melhor se faz em Portugal, enriqueça o seu conhecimento e aperfeiçoe as suas práticas. Beneficie também de uma floresta mais saudável, mais produtiva e socialmente responsável.

# PRODUZA MAIS E MELHOR!

A subscrição é fácil.

Basta enviar um e-mail para: revista@produtoresflorestais.pt

ou então faça a sua subscrição através do site: **www.produtoresflorestais.pt** 

